

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

#### **REFLEXÕES ACERCA DO CORPO TRANSCENDIDO NO CIBERESPAÇO**

Jaqueline Eyng (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica); Priscila Ferreira de Oliveira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica); Sylvania Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contatos: [jaqueyng@gmail.com](mailto:jaqueyng@gmail.com)  
[priscila\\_oli2@hotmail.com](mailto:priscila_oli2@hotmail.com)

Palavras-chave: Existencialismo sartreano. Corpo. Ciberespaço.

A história nos mostra diversas maneiras de se compreender o que sugere ter sido foco de estudos e reflexões: o corpo e a mente. Contudo, de modo geral, observamos uma predominância de entendimentos que dissociam ambos e que tendem a colocar o corpo em um lugar secundário. De modo análogo ao interesse histórico pelo tema, percebemos a contemporaneidade do assunto, visto que atualmente diversos estudos no campo da Psicologia se debruçam sobre esse, demarcando-o no contexto das rápidas mudanças de âmbito sociocultural, histórico e econômico.

Considerando a crescente utilização das novas tecnologias e o contexto fértil de investigações, torna-se fundamental entender a relação ser humano e ciberespaço para a compreensão da realidade concreta, visto a dimensão que esse espaço toma nas relações humanas e as mudanças que oferece ao indivíduo, as quais possibilitam um novo modo de existir e de se relacionar.

A fim de investigar essa temática, o presente trabalho apresentará resultados parciais da Pesquisa de Iniciação Científica (PIC), intitulada “O corpo no ciberespaço: reflexões a partir da ontologia sartriana e contribuições à Psicologia”, que objetiva compreender a questão do corpo na relação do indivíduo com e na realidade virtual, partindo da ontologia do corpo para Jean-Paul Sartre. A pesquisa foi iniciada em 01 de agosto de 2013 e será finalizada em 31 de julho de 2014 e tem como metodologia o modelo de análise teórico-conceitual, a qual será desenvolvida a partir de uma abordagem filosófico-conceitual existencialista para compreender o tema proposto. O levantamento bibliográfico foi realizado logo no início da

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

pesquisa, no banco de produções científicas da SciELO, PePsi e no Banco de dissertações e teses da CAPES, além, e principalmente, da obra clássica de Jean-Paul Sartre, *O Ser e o nada* (2007).

Conforme apontado em *O ser o nada* (2007), precisamente no capítulo *O corpo*, é possível compreender que Sartre considera corpo e consciência de modo indissociável, delimitando três dimensões ontológicas do corpo, os quais são: o corpo concreto (corpo como ser-Para-si, enquanto facticidade), o corpo como ser-Para-outro (o olhar do outro sobre nosso corpo) e o corpo como ser-Para-si-Para-outro (o nosso olhar sobre nosso corpo a partir do olhar do outro). A partir da concepção de corpo anunciada por Sartre na referida obra, buscamos identificar as contribuições de seus estudos para a compreensão do corpo na realidade virtual, bem como, os possíveis encontros entre a concepção desse autor e as investigações feitas por outros estudiosos do tema, principalmente Lévy (1996; 1999).

De acordo com Lévy (1999) o ciberespaço, enquanto um instrumento que possibilita ações de experimentação coletivas de formas de comunicação diferentes das existentes até então – principalmente devido à memória coletiva propiciada pela interconexão dos computadores – permite, também, que, integrados nessa evolução tecnológica e nas redes interativas, os indivíduos ampliem suas possibilidades e explorem as potencialidades que esse espaço abre tanto nos planos econômico, político, cultural, quanto individual.

Afirmando a relação dialética entre os projetos individuais, a organização social e as técnicas, Lévy (1999) confere à noção de ciberespaço, a interdependência em relação aos projetos humanos: o ciberespaço não se limita ao contexto material, visto que também abarca as informações contidas no virtual e é integrado à dimensão social de quem utiliza essa ferramenta e a atualiza constantemente. A interdependência entre ferramenta e projetos humanos e a sua constante atualização, confere ao ciberespaço a realidade virtual, uma vez que este existe como potência de atualização, ou seja, como uma realidade nas quais as possibilidades estão em construção, sendo, dessa maneira, uma dimensão importante da realidade.

A interconectividade e virtualização das informações em rede dá origem a um espaço de desterritorialidade “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 1999, p.47). Por isso, a realidade virtual permite a superação da vivência

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

espaço-temporal, visto que, a partir dessa plataforma de acesso é possível que o indivíduo adentre em diferentes endereços eletrônicos de modo simultâneo, compartilhados em qualquer momento e por qualquer pessoa que esteja mediada pelo ciberespaço. Por isso, o mundo virtual pode libertar o indivíduo das limitações espaços-temporais do atual, anteriormente compreendidas como condição necessária de existência do real.

A desterritorialidade do espaço e modificação da vivência espaço-temporal no ciberespaço, nos incita às seguintes problematizações: podemos estender a noção de presença, defendida por Sartre (2007) como condição fundamental para a existência do ser, para o mundo virtual? O corpo, enquanto dimensão indissociada da consciência humana, foi extirpado desse espaço virtual enquanto corpo material. Ou terá a materialidade do corpo assumido outras formas? Tendo em vista que a liberdade humana só pode ser entendida situada no concreto, será, então, que a negação do corpo, nesta plataforma, é uma saída que o sujeito encontrou para superar as limitações de um ser-no-mundo? Será que a consciência foi libertada das limitações da relação corpo-espaço-tempo? O PIC a ser finalizado, nos permitiu, até o momento, elucidar alguns desses questionamentos, uma vez que correspondem a alguns de nossos objetivos específicos, como a compreensão dos conceitos de virtual e de ciberespaço e, também, o estudo sobre as dimensões corpóreas na perspectiva de Sartre (2007).

No que refere a questão acima, relacionada ao conceito de presença, acreditamos que é possível estender parcialmente o conceito sartreano para o mundo virtual, uma vez que para Lévy (1999), o virtual, no sentido filosófico, é aquele que existe em potência e não em ato – é um campo de possibilidades – que estabelece trocas com a realidade atual, influenciando nas mudanças que ocorrem nesta. Assim, sendo um campo de possibilidades, a existência deste independe da presença concreta do sujeito dentro do virtual, embora sua existência seja também criada nele. A partir da relação dialógica entre o processo de subjetivação e objetivação (em que as subjetividades são objetivadas, ocorrendo também o inverso), percebe-se que a presença de si e de outros indivíduos são necessárias neste campo, só que não como corpo concreto, corpo como ser-Para-si.

Assim, o que se cria no mundo virtual por diversas pessoas que se conectam por e a este, está a presença do homem que, por sua vez, psicofisicamente, se encontra no mundo objetivo ou atual. Os produtos de suas ações objetivadas no ciberespaço, podem ser

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

interiorizados por qualquer homem que visá-los, e a partir da consciência desses produtos, os homens agem, tanto no mundo atual quanto no virtual. O que é visado pode partir deste outro contexto de relação, realidade virtual, pois está a presença do homem, mesmo que este esteja situado no mundo concreto.

No tocante a outra questão que foca o corpo e sua materialidade, conjugado a noção de presença, acreditamos que o corpo no ciberespaço somente não está enquanto presença fisiológica/orgânica, mas como corpo transcendido/virtualizado, que se expressa na construção simbólica. Tal transcendência é resultado da liberdade que a consciência imaginante tem em relação ao dado, sendo capaz de transcender o corpo em-si, assim como o mundo concreto e atual.

O corpo, no que confere a existência, também não é compreendido por Sartre (2007) somente enquanto Em-si, como já vimos, ele é interligado à consciência e se constitui também em simbologia, significados, enfim, em relação ao que percebo no mundo, a partir do que os outros e os complexos-utensílios me indicam. Logo, a chave para a análise nos parece ser proveniente de uma visão ampliada da relação tempo-espaço, principalmente para fundamentar a ontologia do corpo de acordo com a necessidade ontológica de ser-aí.

Acreditamos, então, que seja possível ser-aí no ciberespaço, pois caso contrário, conforme explica Sartre (2007), o indivíduo não poderia transformar a sua realidade e a dos outros que com ele interagem, visto que seria inviável pensar a existência humana desvinculada das necessidades ontológicas: ter presença corpórea e também se comprometer neste ou naquele ponto de vista, ou seja, é preciso que esteja engajado para captar o mundo.

É, então, justamente por sermos seres psicofísicos, que ocupamos um lugar no mundo, podendo visá-lo e agir sobre ele, bem como é nele que construímos nossas relações com os outros, transcendendo a facticidade do corpo do outro e reconhecendo que somos também transcendência transcendida pelo outro, inclusive no mundo virtual. A negação que fazemos do corpo concreto para criarmos uma realidade virtual, não o nega nos três estados ontológicos do corpo para Sartre (2007).

O corpo no ciberespaço, como ser-Para-outro, tal qual na realidade atual, é também imagem, representação simbólica, significante, corpo transcendido. O outro será capaz de imaginar como é meu corpo, pelas minhas ações objetivadas no virtual, mesmo que diferente de sua concretude e eu o dele. Agindo sobre o virtual, crio possibilidades de meu corpo estar

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

presente virtualmente, o outro também pode me ver por uma câmera ou uma foto. Nesse sentido, o outro pode ter a consciência da imagem que cria sobre meu corpo, logo de mim, pois ao apreender minhas ações, ou minha imagem, cria meu corpo, ou seja, visa um corpo abstrato, corpo enquanto corpo que tenho para ele. Por outro lado, como no real, não vivencio este corpo que o outro criou para mim, mas se apreendo esse corpo revelado pelo outro, posso vivencia-lo de acordo com a maneira que o apreendo, enquanto corpo que é ser-Para-si-Para-outro. Todavia, uma das ontologias do corpo para Sartre (2007) que escapa ao virtual, é minha vivência do corpo enquanto facticidade. Esta só ocorre no espaço atual, não no virtual, portanto, pode-se afirmar que tal experiência ainda não conseguiu ser superada na relação do indivíduo com o ciberespaço.

Portanto, enquanto seres psicofísicos, somos capazes de construir uma nova realidade, como o mundo virtual, no qual os limites que nos são impostos pelo corpo são transcendidos pelas relações estabelecidas nessa plataforma, não havendo, dessa maneira, a negação do Para-si, até porque se não existíssemos enquanto corpo-Para-si na relação sujeito-máquina, não seria possível apreendermos o mundo do ciberespaço de forma comprometida, vivenciarmos as sensações provocadas pelas relações estabelecidas entre seus participantes e expressarmos-nos enquanto liberdade.

#### Referências

LÉVY, P. **O que é virtual**. Tradução por Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 264.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 264.

SARTRE, J. P. O Corpo. In:\_\_\_\_\_. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 15 ed., Tradução por Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 385-450.